

## A HISTÓRIA DO HOLOCAUSTO RELACIONADA À EDUCAÇÃO EM DIREITOS HUMANOS NAS SÉRIES INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

### THE HISTORY OF THE HOLOCAUST RELATED TO EDUCATION IN HUMAN RIGHTS IN THE EARLY GRADES OF ELEMENTARY SCHOOL

### LA HISTORIA DEL HOLOCAUSTO RELACIONADA CON LA EDUCACIÓN EN DERECHOS HUMANOS EN LOS PRIMEROS GRADOS DE LA ESCUELA PRIMARIA

Luzilete Falavinha Ramos<sup>1</sup>  
Araci Asinelli-Luz<sup>2</sup>

**Resumo:** O presente artigo tem por objetivo apresentar uma investigação realizada com seis professoras que atuam nas séries iniciais do Ensino Fundamental de uma unidade escolar da Rede Municipal de Ensino de Curitiba e que fizeram uso de recortes da História do Holocausto como tema gerador na Educação em Direitos Humanos (EDH) entre os anos de 2010 e 2019. Na tentativa de entender como se deu a escolha pelo tema holocausto e como tais práticas pedagógicas se desenvolveram, esta pesquisa de caráter qualitativo, exploratório e descritivo utilizou como instrumentos de coleta de dados entrevistas e grupo focal. Além disso, os relatórios, contendo as atividades realizadas dentro do projeto de EDH, enviados anualmente pela escola à Secretaria Municipal de Educação foram utilizados para verificar informações coletadas a partir dos instrumentos citados anteriormente. O tratamento dos dados foi feito a partir dos Núcleos de Significação (Aguiar; Ozzela, 2006) que permitiram compreender, a partir da perspectiva das professoras participantes, o processo de consolidação da EDH na unidade escolar. Os resultados apontam para uma reformulação da compreensão do que é a EDH pelas professoras participantes a partir do momento em que se envolveram com a História do Holocausto e passaram a utilizá-la como tema gerador para o desenvolvimento de práticas pedagógicas.

**Palavras-chave:** Práticas pedagógicas; holocausto; educação em direitos humanos; formação docente.

## ARTIGO



**Abstract:** This article aims to present an investigation carried out with six teachers who work in the initial grades of Elementary School in a school unit of the Municipal Education Network of Curitiba and who made use of clippings from the History of the Holocaust as a generating theme in Education in Human Rights (EHR) between the years 2010 and 2019. In an attempt to understand how the choice for the holocaust theme was made and how such pedagogical practices were developed, this qualitative, exploratory, descriptive research used as data collection instruments interviews and group focal. In addition, the reports, containing the activities carried out within the EDH project, sent annually by the school to the Municipal Department of Education were used to verify information collected from the aforementioned instruments. The treatment of the data was carried out based on the Meaning Centers (Aguiar; Ozzela, 2006) that allowed understanding, from the perspective of the participating teachers, the process of consolidation of EHR in the school unit. The results point to a reformulation of the understanding of what EHR is by the participating teachers from the moment they became involved with the History of the Holocaust and started to use it as a generating theme for the development of pedagogical practices.

**Keywords:** Pedagogical practices; holocaust; human rights education; teacher training.

**Resumen:** Este artículo tiene como objetivo presentar una investigación realizada con seis docentes que actúan en los grados iniciales de la Educación Primaria en una unidad escolar de la Red Municipal de Educación de Curitiba y que utilizaron extractos de la Historia del Holocausto como tema generador en la Educación en Derechos Humanos. (EDH) entre 2010 y 2019. En un intento por comprender cómo se eligió el tema del Holocausto y cómo se desarrollaron tales prácticas pedagógicas, esta investigación cualitativa, exploratoria y descriptiva utilizó entrevistas e instrumentos de recolección de datos grupales. Además, los informes que contienen las actividades realizadas dentro del proyecto EDH, enviados anualmente por el colegio a la Secretaría Municipal de Educación, se utilizaron para verificar la información recopilada a partir de los instrumentos mencionados anteriormente. El procesamiento de datos se realizó desde los Centros de Sentido (Aguiar; Ozzela, 2006) lo que permitió comprender, desde la perspectiva de los docentes participantes, el proceso de consolidación de la EDH en la unidad escolar. Los resultados apuntan a una reformulación de la comprensión de lo que es EDH por parte de los docentes participantes desde el momento en que se involucraron con la Historia del Holocausto y comenzaron a utilizarla como tema generador para el desarrollo de prácticas pedagógicas.

**Palabras clave:** Prácticas pedagógicas; holocausto; educación en derechos humanos; formación de profesores.



## Introdução

O ensino da História do Holocausto nas séries finais do Ensino Fundamental ganhou mais visibilidade após a inclusão do tema na Base Nacional Comum Curricular (BNCC) em 2017 (Brasil, 2018). Até então, o Holocausto, conforme proposto pelo documento, surgia de maneira pontual em algumas cidades, incentivado por leis municipais. O que dizer então desse ensino nos anos iniciais, em que o tema sequer está presente no currículo? A pesquisa que resultou em uma dissertação de mestrado, concluída em 2022 e que fundamenta o presente artigo, procurou investigar as práticas pedagógicas desenvolvidas por seis professoras das séries iniciais da Rede Municipal de Ensino (RME), em que recortes da história do Holocausto dialogam com a Educação em Direitos Humanos (EDH).

A cidade de Curitiba possui um histórico no ensino da História do Holocausto, impulsionado pelas Jornadas Interdisciplinares organizadas pelo Laboratório de Estudos sobre Etnicidade, Racismo e Discriminação (LEER), sob a coordenação da professora Maria Luiza Tucci Carneiro, em parceria com a B'nai B'rith e a Secretaria Municipal de Educação do município. Realizadas nos anos de 2008, 2009 e 2010, essas jornadas tinham caráter formativo e eram voltadas para professoras e professores das escolas da RME, a partir do Ciclo II, ou seja, a partir do 4º ano do Ensino Fundamental. O objetivo era prepará-los para desenvolver práticas pedagógicas que abordassem o tema Holocausto.

Três anos antes da primeira jornada, a educação municipal estabeleceu uma relação com a EDH, com foco na elaboração e no desenvolvimento de estratégias metodológicas voltadas à implementação das Leis nº 10.639/03 e 11.645/08, que determinam o ensino obrigatório da História e Cultura Afro-Brasileira e Africana, bem como da História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena, respectivamente, na educação básica. Desde então, essas estratégias vêm sendo aprimoradas, culminando em um marco significativo: a consolidação da EDH como tema integrador e transversal nos Projetos Políticos Pedagógicos das Unidades de Ensino Fundamental – séries iniciais e finais – no Currículo do Ensino Fundamental de 2016. Essa consolidação enfatizou a promoção de ações voltadas à eliminação de todas as formas de preconceito e discriminação étnico-racial, de gênero, geracional, de crença, política e cultural.

Para compreender em que momento e de que forma ocorreu a relação do Ensino da História do Holocausto com a EDH na unidade escolar em que atuam as participantes desta pesquisa, o texto está organizado em três partes: *O antes*, *O durante* e *O Depois*. *O antes* abrange todas as ações desenvolvidas pela RME que antecederam e possibilitaram a conexão entre a História do Holocausto e a EDH. *O durante* trata especificamente das práticas realizadas pelas participantes da pesquisa no lócus escolar envolvendo esses dois campos. Por fim, *O depois* diz respeito aos resultados da investigação, com base na análise dos dados obtidos por meio dos instrumentos

## ARTIGO

utilizados no estudo. A escolha por essa divisão segue as etapas propostas pela nova Pedagogia do Holocausto, que, ancorada na narrativa da vítima, sugere o ensino do que era a vida das pessoas antes do Holocausto, das transformações ocorridas durante o evento e, no caso dos sobreviventes, da reconstrução de suas vidas após o fenômeno. Essa metodologia também é adotada pelo Museu do Holocausto de Curitiba em suas visitas mediadas e na elaboração de materiais pedagógicos.

### O antes

Um estado do conhecimento realizado em 2020 buscou evidenciar artigos que abordassem estudos sobre o Holocausto sob uma perspectiva educacional e vinculada à educação em Direitos Humanos. Esse estudo foi realizado em três etapas: busca por descritores no DeCS, uso dos descritores selecionados para localizar produções científicas restritas a artigos nas bases de dados da CAPES (periódicos), REDALICY, ERIC e BVS, e seleção de artigos que atendiam aos principais critérios estabelecidos (vinculação do tema Holocausto com a Educação em Direitos Humanos, publicação entre 2016 e 2020, menção ao locus escolar no título e referência ao Ensino Fundamental).

O estudo concentrou-se no período entre 2016 e 2020, considerando as possíveis discussões sobre o Ensino do Holocausto após sua inclusão no currículo oficial de Israel (2013), a criação de Leis em alguns municípios brasileiros (2010 e 2011) e a inserção do tema na BNCC (2017). Dos artigos encontrados, apenas quatro (dois nacionais e dois internacionais) atendiam os critérios estabelecidos. Eles foram lidos na íntegra para discutir como o tema do Holocausto é abordado na educação e sua conexão com a educação em Direitos Humanos. Além disso, buscou-se evidenciar a baixa frequência do tema em artigos sobre educação. A partir da leitura integral dos artigos, procurou-se identificar os pontos convergentes sobre o Ensino do Holocausto no locus escolar.

A análise identificou que a falta de material adequado, a carência de formação profissional relacionada ao tema e conceitos equivocados sobre o Holocausto são alguns dos elementos que impedem uma educação efetiva sobre o assunto. Esses pontos convergem nos quatro artigos analisados, apesar das diferentes perspectivas e contextos. No contexto brasileiro, o trabalho de Meinerz e Camargo (2019) reflete sobre a necessidade de leis e ações educacionais que promovam tanto a denúncia quanto a reparação histórica das minorias. Os autores destacam a importância de abordar temas sensíveis em sala de aula, considerando que esses assuntos, frequentemente evitados, tratam de processos sociais não resolvidos, injustiças, crimes e violações dos direitos humanos. Por outro lado, o trabalho de Silva e Schurster (2016) enfatiza a necessidade de inserir a pedagogia dos traumas coletivos em diferentes níveis educacionais para compreender como as feridas do passado impactam o tempo presente de determinadas

sociedades. Além disso, questionam se, no Brasil, estão sendo desenvolvidos os recursos pedagógicos necessários para promover uma convivência fraterna, presente e futura, livre dos efeitos nefastos do racismo e da negação do outro.

No contexto internacional, as pesquisas de Mittnik (2016), Vitale e Clothey (2019) evidenciam uma preocupação com o Ensino do Holocausto e do Nacional-Socialismo em países como a Áustria e a Alemanha, berço desses eventos históricos. O trabalho de Mittnik ressalta o que constitui um Ensino eficaz do Holocausto, integrando lições de Direitos Humanos num país onde Hitler ainda é frequentemente visto como foco central do fato histórico e como único responsável pelas atrocidades cometidas. O autor argumenta que é crucial considerar a relação entre o ensino do Holocausto e a Educação em Direitos Humanos envolvendo, abrangendo os níveis elementar e secundário (equivalentes ao Ensino Fundamental I e II no Brasil). Por outro lado, o trabalho de Vitale e Clothey investiga como o tema é abordado nas escolas alemãs, especialmente diante da significativa presença de estudantes imigrantes de países onde o Holocausto é, por vezes, negado. A pesquisa busca entender como o ensino do Holocausto pode promover a inclusão e ampliar a discussão sobre preconceito e intolerância para além da questão judaica, adotando uma perspectiva universal.

Verificou-se que, independentemente do contexto das pesquisas analisadas, todas se referem especificamente à disciplina de História como o principal campo em que o tema Holocausto está enraizado. Essas pesquisas discutem a questão curricular e a inclusão do conteúdo Holocausto sob uma perspectiva universal, e enfatizam a importância de um ensino que promova uma visão inclusiva do outro, alinhada com uma Educação para os Direitos Humanos.

Para analisar os pressupostos na EDH no Brasil, foi necessário primeiro compreender como ela se desenvolveu no país e em que medida reflete nas propostas apresentadas pela RME. Apresentou-se um breve histórico que demonstrou que o período entre 1995 e 2004 pode ser considerado a década dos Direitos Humanos, destacando o estabelecimento da Comissão de Direitos Humanos da Câmara Federal (1995), que começou a receber demandas de diversos grupos sociais, resultando na criação de uma Agenda para um Programa Nacional de Direitos Humanos (PNDH). O PNDH visou estabelecer uma nova ordem democrática, sublinhando a necessidade de um novo modo de pensar e agir do Estado, o que representou um passo institucional significativo para a EDH. O ano de 2003 marcou a EDH com a segunda revisão do PNDH, que passou a incluir questões de diversidade no campo da educação. Também nesse ano foi formado o Comitê Nacional de EDH, responsável por delinear cinco eixos para essa educação: Educação e Mídia, Segurança Pública, Educação Não Formal, Educação Básica e Educação Superior. Em 2006, foi concluída e publicada a versão definitiva do PNDH.

É nesse contexto que em 2005, na RME, professores de História do município

propuseram e executaram planos de formação continuada para os demais professores atuantes nas séries iniciais e finais do Ensino Fundamental, visando à integração das Leis nº 10.639/03 e 11.654/08 nos componentes curriculares de História, Geografia e Arte. Concomitantemente, foram constituídas as primeiras Comissões de Educação e Diversidade Étnico-Racial nas 185 escolas do Ensino Fundamental da rede, buscando cumprir o artigo 8º da Deliberação nº 04/06 do Conselho Estadual de Educação do Paraná.<sup>3</sup>

Em 2016, o Currículo do Ensino Fundamental, consolidou a Educação em Direitos Humanos como tema integrador (DH e Cidadania) e transversal, proposta também inserida nos Projetos Políticos Pedagógicos das escolas. Isso está em consonância com o alerta de Zenaide (2020), que enfatiza que não pode existir apenas uma disciplina de DH, já que os Direitos Humanos devem estar presentes de forma transversal<sup>4</sup>. No ano seguinte, com a necessidade de criar uma Coordenadoria que reunisse a Rede de Proteção, o Programa Transformando Realidades (equidade na educação) e a Gerência de Educação em Direitos Humanos, foi constituída a Coordenadoria de Equidade, Família e Rede de Proteção (CEFAR), composta pelas gerências de Rede de Proteção, de Equidade e de Educação em Direitos Humanos, com o objetivo de considerar a educação como uma política social e ampliar a discussão sobre a relação entre a educação e a garantia de direitos das crianças e estudantes da RME.

Nesse contexto, a gerência de Educação em Direitos Humanos articula, apoia, acompanha e propõe ações de prevenção, promoção, proteção, defesa e reparação dos DH, orientando as unidades educacionais em seus planos de ação para a EDH. Além disso, acompanha a implantação e execução de projetos de prevenção à intimidação sistemática, realiza atendimentos a adolescentes em cumprimento de medida socioeducativa em meio aberto, executa a formação continuada das Comissões das unidades educacionais, Comissão Interna, grupo de estudos, organização do trabalho pedagógico, semana de estudos pedagógicos relacionados à EDH e acompanha outros programas vinculados à EDH.

É em meio a esse processo de construção, execução e consolidação da EDH no município que ocorreram as Jornadas Interdisciplinares sobre o Ensino da História do Holocausto nos anos de 2008, 2009 e 2010, em parceria com o LEER e, em 2014, com a Universidade Federal do Paraná (UFPR)<sup>5</sup>. Oriundas das inquietações resultantes das ações educativas desenvolvidas pela professora Maria Luiza Tucci Carneiro ao longo de sua formação acadêmica e atuação no magistério, as jornadas tinham, entre outros objetivos, segundo Carneiro (2020), orientar os educadores sobre o tema do Holocausto. Esse tema, avaliado sob múltiplos aspectos, pode alertar sobre as consequências catastróficas das políticas racistas (ou políticas de exclusão) adotadas pelos regimes totalitários e autoritários, além de chamar a atenção para o perigo do negacionismo sobre o Holocausto enquanto genocídio. Além disso, as jornadas

## ARTIGO

buscavam demonstrar que o estudo do passado desempenha um papel importante na conscientização da humanidade como um todo, alertando para que ações violentas e genocidas nunca mais aconteçam, e incentivar os educadores e alunos a perceberem as principais diferenças de vida entre um país que respeita os fundamentos do Estado democrático e outro regido pelos valores de um Estado totalitário.

Sendo assim, como o propósito de atender a tais objetivos, Curitiba sediou em 2008 a primeira edição do evento, reunindo professores das escolas das séries iniciais e finais do Ensino Fundamental da RME e palestrantes de São Paulo e Porto Alegre. O material impresso entregue aos participantes nessa primeira edição teve o propósito de introduzir o tema Holocausto, oferecendo palestras sobre o fenômeno histórico, a história audiovisual do nazismo e do holocausto, o diário de Anne Frank, a representação do holocausto na literatura e o trabalho com o tema na linguagem teatral.

A segunda edição das jornadas, realizada em 2009, visou aprofundar o estudo do Holocausto iniciado no ano anterior. Segundo a secretária de Educação do município na época, Eleonora Bonato Fruet (Curitiba, 2009), a SME e as instituições parceiras ofereceram novamente aos profissionais de educação um momento de estudo e reflexão sobre as questões que levaram à violação dos direitos humanos e da dignidade da pessoa humana, culminando no Holocausto. Ela destacou que a ideia de reunir os temas das palestras em um documento impresso proporcionou aos participantes um suporte teórico e metodológico que poderá contribuir para as ações pedagógicas dos profissionais da Educação de Curitiba.

Em 2010, a última Jornada em parceria com o LEER na cidade seguiu um cronograma similar às edições anteriores, abordando a importância do estudo do Holocausto e métodos para seu ensino. Durante essas três Jornadas, foram idealizados Concursos de Redação com o objetivo de incentivar os professores e suas classes a produzirem conteúdo inovador, visando à interferência na realidade. A jornada de 2014, realizada em parceria com a UFPR, abordou temas que, embora partindo do Holocausto e seus elementos, tinham uma abrangência mais ampla, alinhando-se a uma proposta metodológica que utiliza a História do Holocausto para discutir questões atuais de violação aos Direitos Humanos.

Mesmo com o encerramento das jornadas na cidade, uma escola específica da RME, que atende às séries iniciais do Ensino Fundamental, continuou realizando atividades relacionadas ao tema Holocausto, utilizando-o como tema gerador para a EDH.

### O durante

Desde 2009, a escola lócus desta pesquisa tem desenvolvido propostas pedagógicas que utilizam recortes da história do Holocausto como tema gerador. O início deste

# ARTIGO

trabalho remonta à participação de uma professora na segunda edição das Jornadas Interdisciplinares sobre o Ensino da História do Holocausto, realizada na cidade. Motivada pela experiência, a professora criou um projeto piloto voltado para estudantes do primeiro ano do Ensino Fundamental. O projeto visava desenvolver atividades baseadas em poemas e desenhos de crianças que estiveram confinadas no Campo de Terezin<sup>6</sup>, relatando histórias do Holocausto e estabelecendo conexões com as experiências dos próprios alunos.

Esse processo de escolha do recorte mais apropriado exigiu pesquisa detalhada da docente, que adaptou o projeto à faixa etária dos estudantes, considerando que eles eram capazes de compreender. De acordo com Bidinotto e Fagundes (2020), essa abordagem reflete uma plena consciência do que se faz, por que faz, como faz e principalmente para quem se faz. O projeto piloto, intitulado “Resistir à Tirania é Possível”, resultou na produção de colagens, poemas, desenhos, murais que expressavam as impressões e reflexões dos alunos, relacionando as experiências das crianças em Terezin com suas próprias vivências cotidianas.

No ano seguinte, visando aprofundar os conhecimentos dos mesmos alunos, bem como levá-los a conhecer a cultura judaica e suas contribuições na formação da cultura brasileira, desenvolveram-se atividades tendo como pano de fundo algumas das obras dos artistas Lasar Segall e Marc Chagall. A proposta pedagógica que contemplou o tema Holocausto e cultura judaica, recebeu o nome de “O Holocausto e a Cultura Judaica retratados nas obras de Lasar Segall e Marc Chagall”. Vinculada aos conteúdos curriculares, esteve diretamente ligada às disciplinas de História e Ensino Religioso e surgiu dos questionamentos que os alunos levantaram ao longo do projeto anterior e que, em virtude do tempo, não puderam ser elucidados. Observou-se que esta proposta de sequência ao projeto anterior foi o primeiro passo na direção daquilo que Paulo Freire (1987), presente nos debates sobre EDH, materializou como o fundamento da EDH: trabalhar interdisciplinarmente as áreas do conhecimento. Também é possível considerar esse projeto como um mediador do processo de conhecimento e assimilação dos saberes, sem negar aos alunos o contato não somente com a sua cultura, mas também com a cultura de outros povos de forma harmônica e respeitosa, representando um dos maiores desafios do docente que pretende a emancipação, conforme Bidinotto e Fagundes (2020).

Em 2011, o projeto foi ampliado e agregou outras duas docentes, participantes desta pesquisa, além de mais uma turma de alunos. O trabalho desenvolvido teve por objetivo partir do recorte do Holocausto relacionado ao que o Yad Vashem (Palmeira; Schurster, 2020) denomina “voltar a viver”. Ou seja, abordou o fenômeno migratório de judeus que fugiam dos *pogroms* (ataques violentos contra judeus no império russo e outros países) e de judeus vindos de diferentes partes da Europa após o Holocausto. Com o título de “Cândido Portinari e a Série Israel: um paralelo entre as

## ARTIGO



culturas israelense e brasileira”, o projeto buscou promover o conhecimento sobre a multiculturalidade presente em Israel, comparando-a com a cultura brasileira. A relação entre os *kibutzim* (comunidades agrícolas criadas por imigrantes judeus na Palestina) e as colônias agrícolas do Brasil, o deserto israelense e os retirantes do sertão brasileiro, as danças de roda israelenses e as cirandas do folclore brasileiro, e até a presença das três maiores religiões monoteístas em Israel e a multirreligiosidade do Brasil foram temas centrais. Essa prática pedagógica integrou os estudos de Cândido Portinari e a Série Israel às necessidades de leitura, oralidade e produção escrita previstos na disciplina de Língua Portuguesa, ao mesmo tempo que contemplou os conteúdos de outras áreas do currículo do 3º e 4º anos, visando contribuir para os objetivos da escola. Naquele ano, a escola buscava desenvolver projetos que potencializassem práticas de linguagem e raciocínio lógico-matemático para alcançar a média estipulada pelo IDEB de 2011.

Essas primeiras ações que documentam o contato inicial da escola com o Ensino do Holocausto indicam a construção gradual de uma metodologia que se alinha ao conceito de tema gerador, conforme Freire (1987). Segundo Bidinotto e Fagundes (2020), a construção de temas geradores ocorre a partir da pesquisa no ensino e do ensino por meio da pesquisa, posicionando tanto o educador quanto o aluno como sujeitos produtores de seus próprios conhecimentos, e destacando situações-limites como desafios a serem superados.

Os recortes da história do Holocausto, utilizados como tema gerador, incitam os estudantes a explorar criticamente a temática em suas dimensões históricas, políticas e econômicas, ou seja, em sua totalidade. Nesse contexto, esses fragmentos desse fenômeno histórico podem ser vistos como temas que suscitam tanto denúncia quanto anúncio, em defesa do que Freire (1987) chama de *ser mais*. O Holocausto, por sua vez, operou na direção oposta, uma vez que essa vocação de *ser mais* foi negada ao se instituir um processo de desumanização e distorção da história, em vez de uma verdadeira vocação histórica. A desumanização se concretiza pela coisificação do indivíduo, pela supressão de direitos humanos universais, como a dignidade humana, e pela violação de direitos fundamentais, como o direito à vida.

O uso do Holocausto como um tema gerador na perspectiva freiriana “implica um partir abstratamente até o concreto; que implica uma ida das partes ao todo e uma volta deste às partes, que implica um reconhecimento do sujeito no objeto e do objeto como situação em que está no sujeito” (Freire, 1987, p. 97). Nessa abordagem, estabelece-se uma relação dialética de busca, uma vez que se lida com fatos reais, promovendo a relação dos estudantes com o mundo e colocando-os em uma postura ativa de investigação. Essa postura, quando assumida pelos estudantes e estimulada por uma temática significativa, reflete na tomada de consciência da sua própria realidade e os impulsiona a denunciar as desumanizações.



## ARTIGO



Sendo assim, trabalhar com temas geradores que utilizem relatos pessoais e reais de pessoas que viveram o Holocausto pode auxiliar os estudantes a se tornarem menos indiferentes ao que acontece com outras pessoas, não apenas com aquelas com quem têm vínculo. Nessa perspectiva, segundo Cooper (2012), “História envolve tentar entender atitudes e valores de pessoas no passado, as quais podem ser diferentes das suas; isto ajuda a tentar ser tolerante para com os outros e a entender você mesmo.” Isso significa que abordar questões relacionadas ao preconceito e à diversidade na infância é promover o que Baibich (2012) define como pedagogia do antipreconceito, cuja imaginação é o principal instrumento no combate à intolerância e às violências. Imaginar o outro e colocar-se no lugar do outro favorece a compreensão dos efeitos que determinados comportamentos discriminatórios podem causar nos indivíduos que são alvo de preconceito.

A criação da Agência de Educação Política Nacional (NAPOLA) foi uma das primeiras medidas tomada em 1933 pelo regime nazista alemão, com o objetivo de implementar a *Gleichschaltung*, ou seja, um processo de ajustamento ideológico de toda a sociedade aos princípios do Nacional-Socialismo (Liebel, 2017). A partir disso, a escola tornou-se a principal instituição responsável pela formação de uma elite nazista voltada para a administração do Estado (Silva, 2017). Isso evidencia o papel da instituição escolar como espaço formativo capaz de construir, sistematizar e transmitir conhecimentos de acordo com uma ideologia. Da mesma forma que foi utilizada pelos nazistas como ferramenta de difusão ideológica, levando à perpetração da violência, atualmente, a escola pode ser um campo para a promoção de ações que favoreçam uma educação voltada para a diversidade e, conseqüentemente, para a construção de uma cultura de tolerância. Assim, a educação torna-se o mecanismo propulsor das discussões sobre as causas e conseqüências de posturas intolerantes diante da diversidade, propiciando a formação de conceitos e ideias que permeiam a vida cotidiana e as relações sociais. A escola é, portanto, o campo adequado para a formação humana e o espaço ideal para uma educação preventiva integral (Asinelli-Luz, 2000), funcionando como um instrumento de combate e transformação, como aponta Carneiro (Curitiba, 2008).

A história do Holocausto, quando utilizada como tema gerador para discussão sobre preconceito, racismo e desrespeito aos direitos humanos, servindo à pedagogia do antipreconceito, constitui um poderoso instrumento para modificar a ação pedagógica escolar com o objetivo de promover uma educação crítica para a diversidade. A intolerância e o desrespeito ao outro estão presentes na história da humanidade muito antes dos eventos ocorridos na Europa do século XX e podem ser facilmente identificados em outros acontecimentos históricos presentes nos currículos escolares e, conseqüentemente, nos livros didáticos. No entanto, o Holocausto destaca-se por ter concentrado de maneira sistemática e legalizada o maior número de ações que violaram a condição humana. Segundo Pereira e Gitz (2014), o Holocausto pode servir como ponto de partida para os debates sobre temas como *bullying*, violência homofóbica,



violência na escola e outras formas de intolerância presentes no cotidiano. Embora o tema do Holocausto seja incluído no currículo de História apenas nos anos finais do Ensino Fundamental, desde as séries iniciais a escola básica se depara com diversas formas de violência, como *bullying*, racismo, intolerância religiosa e de gênero, que podem ser abordadas em relação à história do Holocausto.

### O Depois

Diante dos pressupostos teóricos e do contexto anteriormente mencionados, esta pesquisa qualitativa, exploratória e descritiva se consolida. A coleta de dados ocorreu de três formas distintas. Inicialmente, foram analisados documentos históricos referentes à implementação da educação em direitos humanos na SME, relatórios sobre atividades desenvolvidas no projeto de educação em DH, redigidos pela unidade escolar investigada e enviados anualmente à SME entre 2013 e 2019, e apostilas entregues aos professores durante as Jornadas Interdisciplinares sobre o Ensino do Holocausto (2008, 2009, 2010 e 2014). Além disso, foram conduzidas entrevistas de duas maneiras: oralmente, por meio de áudios gravados com o próprio celular, e por escrito, utilizando um questionário enviado via *e-mail* e, posteriormente, retomado oralmente para esclarecer e aprofundar conceitos e ideias conforme necessário. Por fim, foi realizado um grupo focal também de forma remota, com a utilização de um roteiro específico. Participaram da investigação seis professoras que atuam na mesma unidade escolar e que realizaram práticas pedagógicas envolvendo recortes da história do Holocausto vinculadas à EDH.

Iniciando pela análise documental, que envolveu a leitura flutuante dos relatórios enviados anualmente pela unidade escolar à Secretaria Municipal de Educação para documentar as práticas pedagógicas desenvolvidas no lócus escolar na perspectiva da EDH, buscou-se atender a um dos objetivos da pesquisa, que era descrever a implementação do trabalho com recortes da história do Holocausto vinculado à EDH com estudantes das séries iniciais do Ensino Fundamental entre os anos de 2010 e 2019 em uma escola da RME de Curitiba. Observou-se como a EDH foi se consolidando ao longo dos anos de 2013 a 2019. Embora as primeiras ações pedagógicas relacionadas ao tema Holocausto tenham ocorrido em 2010, foi apenas a partir de 2013 que a SME começou a solicitar a produção de relatórios às unidades escolares. Portanto, a leitura flutuante dos relatórios se concentrou no período de 2013 a 2019. Durante as análises, notou-se uma mudança significativa no modo como as professoras inicialmente receberam a implementação da EDH na escola e como ela foi se consolidando de forma transversal ao longo dos anos, a partir de práticas pedagógicas elaboradas e refletidas por essas docentes.

Com exceção dos relatórios de 2013, que se concentram exclusivamente em

## ARTIGO



questões étnico-raciais, do relatório de 2014, que não foi encontrado, e do relatório de 2016, que focou os estudos nas questões da cultura árabe, todos os outros relatórios incluíram recortes da história do Holocausto como tema gerador para abordar assuntos relacionados aos direitos humanos. Embora as primeiras práticas com o ensino do Holocausto tenham iniciado em 2010 como um projeto piloto e apareçam documentadas em relatos das professoras e diários de classe, o primeiro registro formal nos relatórios de EDH surgiu apenas em 2015. Nesse relatório, o tema gerador foi sobre os idosos no holocausto, vinculado ao eixo cidadania e à discussão sobre a construção dos direitos desses sujeitos. Em 2017, os temas geradores foram as Leis de Nuremberg e os Justos entre as Nações, ambos associados ao eixo prevenção às violências. Em 2018, dois eixos foram abordados com temas geradores diferentes: para o eixo relações de gênero, o tema gerador foi Anne Frank; para o eixo prevenção às violências, o tema foi a perseguição aos judeus durante o Holocausto. Em 2019, também foram utilizados dois temas geradores para trabalhar dois eixos distintos. Anne Frank foi novamente abordada, mas desta vez no eixo cidadania, com foco nos direitos das crianças e adolescentes. O mesmo eixo também foi contemplado pelo tema infância no holocausto, que, além de cidadania, abordou o eixo prevenção às violências.

Outra etapa da pesquisa focou nas entrevistas com as professoras participantes. É importante destacar que essas participantes possuem perfis bastante distantes em termos de idade, tempo de atuação na escola, formação acadêmica (todas possuem especialização, mas nenhuma é licenciada em História) e, principalmente, na forma como entraram em contato com o Holocausto e desenvolveram práticas pedagógicas relacionando a esse tema na perspectiva da EDH.

As entrevistas mostraram que, inicialmente, a EDH não fazia sentido para as participantes, sendo vista como uma imposição da SME quanto da gestão da escola. Consequentemente, suas práticas eram fragmentadas e não envolviam os estudantes de forma significativa. As primeiras abordagens pedagógicas focadas em questões étnico-raciais eram baseadas em representações estereotipadas de povos africanos e indígenas, resultando em uma falta de engajamento dos alunos e na realização dessas práticas apenas como um cumprimento de protocolo escolar. As atividades eram desconectadas das demais áreas do conhecimento, tratadas isoladamente e frequentemente culminavam em apresentações artísticas sem integração curricular.

O processo de apropriação do conceito de EDH pelas professoras ocorreu simultaneamente ao desenvolvimento de práticas pedagógicas que iam além dos temas propostos pela Lei nº 11.645/2008. Apesar de algumas participantes já conhecerem práticas relacionadas ao ensino do Holocausto na unidade escolar, o uso desses recortes como tema gerador na EDH começou a partir do interesse e curiosidade dos estudantes, evidenciado quando o Holocausto foi abordado em livros didáticos de

outras disciplinas.

A autonomia concedida pela gestão escolar permitiu que as professoras, gradualmente, incorporassem o Holocausto em suas práticas pedagógicas, reconhecendo-o como um campo rico para discutir Direitos Humanos. A conexão entre eventos históricos do Holocausto e questões contemporâneas, bem como a empatia dos estudantes em relação aos temas abordados, motivou as professoras a aprofundarem suas pesquisas e a transformarem esses recortes históricos em temas geradores que integrassem também os conteúdos curriculares de cada ano escolar. À medida que essas práticas se tornaram mais frequentes, o conceito de transversalidade da EDH foi se consolidando e se naturalizando nos planejamentos das professoras, com o holocausto se tornando uma parte essencial dessa proposta educativa.

Outro objetivo da pesquisa foi compreender como o uso de recortes da história do Holocausto como temas geradores impactou as práticas pedagógicas das professoras e sua compreensão sobre a EDH. Para isso, foram utilizadas entrevistas e um grupo focal. De acordo com Trad (2009), o grupo focal visa reunir informações detalhadas sobre um tópico específico a partir de um grupo de participantes selecionados, permitindo colher dados sobre percepções, crenças e atitudes em relação ao tema. O grupo focal possibilitou um aprofundamento das questões abordadas nos questionários e entrevistas, destacando dois pontos principais: o envolvimento das professoras nos projetos de EDH com recortes do Holocausto e o impacto desse na prática pedagógica de cada participante.

Para a primeira questão, uma informação recorrente foi o impacto emocional que o tema teve nas participantes. Todas relataram que seu envolvimento com o tema começou no campo das emoções, pois os diferentes recortes da história do Holocausto usados como temas geradores as levaram a refletir sobre seus próprios contextos. Ao serem emocionalmente afetadas, passaram a enxergar o Holocausto como essencial para a discussão de questões relacionadas aos Direitos Humanos, considerando que o Holocausto concentra em um único momento temporal todas as problemáticas associadas. Essa visão é corroborada por suas falas, que destacam que muitas situações do Holocausto ainda persistem na contemporaneidade, embora em formas, contextos e pessoas diferentes. Assim, trabalhar com essa história é visto como uma forma de refletir sobre o presente na perspectiva da EDH. Em geral, observou-se que o envolvimento das professoras com o tema do Holocausto na EDH foi uma escolha, não uma imposição ou influência externa. À medida que “convidadas” por diversas situações, especialmente pela curiosidade dos estudantes, a história do holocausto se tornou um caminho natural para desenvolver práticas relacionadas à EDH, com mudanças iniciais ocorrendo nas próprias professoras.

No tocante à segunda questão, as informações coletadas no grupo focal e nas entrevistas revelaram que a escolha do tema foi feita em momentos diversos para

## ARTIGO

cada participante: por meio do convite de uma colega, da presença do tema em livros didáticos de outras disciplinas, dos pedidos dos estudantes para explorar mais o assunto, e até mesmo pela empatia das próprias professoras com o tema. Independentemente dos motivos, o impacto na prática pedagógica é evidente na percepção de como os estudantes se envolvem com o tema e na construção conjunta das práticas pedagógicas com os estudantes. Além disso, ao optar por trabalhar com recortes da história do Holocausto, a transversalidade da EDH passou a ocorrer de maneira natural nos planejamentos e no desenvolvimento das práticas pedagógicas. O uso desses recortes também influenciou a maneira como as participantes planejam suas ações, considerando a participação dos estudantes em discussões mais profundas e relevantes para suas realidades, o que tornou as aulas mais significativas e possibilitou a inter-relação entre os conteúdos curriculares a partir de um tema central.

Durante o grupo focal, foi solicitado às participantes que escolhessem três palavras que resumissem a experiência de trabalhar com o tema Holocausto com alunos das séries iniciais do Ensino Fundamental. Essas palavras foram registradas na plataforma *Mentimeter*, gerando um gráfico digital denominado *word cloud* (Nuvem de Palavras – NP), que mostra a frequência das palavras em um texto. Nele é possível verificar que quanto mais se repete a palavra maior e mais destacada ela aparece no gráfico, demonstrando o grau de relevância em relação às demais palavras. As palavras *aprendizado*, *desafiador* e *transformador* foram os termos utilizados pelas participantes para definirem sua relação com o trabalho com o tema holocausto. Essas escolhas ilustram e confirmam as informações obtidas nos outros instrumentos de coleta de dados e que demonstram que, para construírem suas práticas pedagógicas com essa temática, precisaram se aprofundar em suas pesquisas sobre o assunto.

*Aprendizado* se refere ao processo de busca de informações sobre o Holocausto e à aprendizagem sobre como trabalhar com o tema e implementar a EDH. A palavra *desafiador* destaca os cuidados e a disposição das participantes em estudar um tema pouco abordado em sua formação e currículo, adaptando-o para tornar o conteúdo significativo e empático para os estudantes, sem expô-los de forma chocante à brutalidade histórica. *Transformador* aponta para dois aspectos: primeiramente, o impacto, refletido na percepção das professoras e dos estudantes sobre a realidade e suas próprias ações em relação ao outro, na percepção de similaridades entre suas histórias pessoais e as narrativas de pessoas que viveram o holocausto; em segundo lugar, o impacto profissional, visto na transformação das práticas pedagógicas e na compreensão mais profunda da EDH, que agora é abordada de forma mais segura e além do currículo previsto.

Encerrada a coleta de dados, foi iniciada a análise utilizando a metodologia dos Núcleos de Significação, conforme descrito por Aguiar e Ozella (2006). Esse procedimento foi escolhido para captar os sentidos que constituem o conteúdo do

discurso dos participantes. A decisão por este método baseou-se na crença de que as participantes são seres históricos que se relacionam entre com o fenômeno estudado (objeto) e se humanizam em contextos de atividade e interação com os outros, com destaque para o papel da linguagem, conforme enfatizado por Aguiar, Soares e Machado (2015). O método é adequado para pesquisas que priorizam a linguagem como um meio de captar sentidos profundos, os quais podem ser desvelados pelo pesquisador durante o processo de análise dos dados.

Dessa forma, o procedimento de análise foi dividido em três etapas: pré-indicadores, indicadores e núcleos de significação. Os pré-indicadores são temas diversos que emergem após várias leituras “flutuantes” e se caracterizam pela frequência de repetição, importância na fala das participantes, carga emocional, ambivalência ou contradição, intenções não concluídas, entre outras. Esses pré-indicadores servem de base para a construção dos indicadores e destes os núcleos de significação. Os indicadores são a união dos pré-indicadores por similaridade, complementaridade ou contraposição, reduzindo a diversidade de temas. Os núcleos de significação são então a articulação dos conteúdos (resultado da aglutinação) semelhantes, complementares ou contraditórios, permitindo uma análise que vai além do aparente, considerando a subjetividade, o contexto e a historicidade. Assim, foram identificados 111 (cento e onze) pré-indicadores, que originaram 13 (treze) indicadores e, por fim, resultaram em 3 (três) núcleos de significação.

Concluídas essas três etapas, iniciou-se a análise dos núcleos de significação, que envolveu uma articulação entre os núcleos, não se restringindo apenas às falas dos sujeitos, mas também ao contexto social, político, econômico, em síntese, histórico, que permitiu acesso à compreensão na sua totalidade (Aguiar; Ozella, 2006).

O núcleo 1, intitulado “A implantação e consolidação do Projeto de Educação em Direitos Humanos na Escola”, revelou as diferentes formas pelas quais as participantes entenderam a implantação da EDH na escola e também evidenciou falas das docentes que se confirmam nos relatórios enviados à SME entre os anos de 2013 e 2019, embora ora se aproximem e ora se distanciem do histórico da EDH produzido pela SME. Também nesse núcleo destaca-se o constante desenvolvimento e aprimoramento das práticas pedagógicas desenvolvidas pelas participantes na EDH, corroborando com a ideia de que “o diálogo pedagógico implica tanto o conteúdo ou objeto cognoscível em torno de que gira quanto a exposição sobre ele feita pelo educador ou educadora para os estudantes.” (Freire, 1996, p. 118)

O segundo núcleo, denominado “A História do Holocausto vinculada à Educação em Direitos Humanos na Escola”, apresentou o histórico de projetos com essa temática no lócus escolar, evidenciando que as práticas pedagógicas utilizando recortes da história do Holocausto como tema gerador e desenvolvidas pelas participantes tiveram início no momento em que elas passaram a buscar formas de ampliar e tornar a EDH mais

## ARTIGO

significativa para os estudantes e para si. Isso está em consonância com a afirmação de Palmeira e Schurster (2020), que afirmam que o ensino do Holocausto vai além de ser um tema que favorece a discussão sobre os direitos humanos; “seu ensino está diretamente ligado a compreensão da condição humana”. Este núcleo também detalhou as diversas formas pelas quais as participantes, que não são licenciadas ou especialistas em História, entraram em contato com o tema Holocausto e como foram se aprofundando na temática à medida que pesquisavam e integravam fragmentos dessa história em suas aulas, procurando destacar que os elementos que possibilitaram esse fenômeno histórico ainda estão presentes na sociedade atual.

O terceiro e último núcleo, intitulado “O processo de formação e auto formação das professoras acerca da História do Holocausto e seu Ensino”, aborda a análise que as participantes fizeram de suas práticas já realizadas. Elas reconhecem esse trabalho como um processo e não meramente um cumprimento de tarefas. Nesse contexto, destacam a importância de participar de formações sobre a temática do Holocausto e expressam disposição para se engajar em tais formações se forem oferecidas. Ao refletirem sobre suas práticas, as participantes se identificam como pesquisadoras, dado que buscaram conhecimentos que favoreceram a construção de práticas eficazes, envolvendo os recortes mais apropriados da história do Holocausto como tema gerador para uma EDH efetiva e significativa.

### Conclusão

Ao final desta investigação, considerando todo o percurso histórico feito a partir da análise documental, verificou-se que os relatórios produzidos entre 2013 e 2019 ilustram o desenvolvimento da EDH ao longo desses 10 anos, demonstrando a falta de uniformidade. Embora o relatório de 2019 (no formato de formulário) pareça ser uma tentativa de uniformização, ele evidencia mais a ideia de documentar as práticas, comprovando que elas ocorrem, do que de fato esclarecer o processo de como essas práticas são realizadas.

Se, por um lado, os relatórios permitem verificar como a EDH foi se consolidando na escola lócus da pesquisa, as entrevistas e o grupo focal destacam a relação individual de cada participante com essa educação, especialmente no que diz respeito ao uso de recortes da História do Holocausto como tema gerador para determinadas discussões e reflexões. Ficou evidente que o trabalho com este tema está diretamente ligado à autonomia das docentes e à liberdade de ação concedida pela gestão escolar, que possibilitou a inserção desta e de outras temáticas para fomentar a EDH. É nesta perspectiva e neste contexto que a História do Holocausto surge nas séries iniciais como ponto de partida para discutir diversos assuntos relacionados aos Direitos Humanos e, assim, dialogar com a realidade dos próprios estudantes.

Conclui-se, portanto, que a EDH no lócus escolar da pesquisa está em um processo contínuo de formulação, reformulação e consolidação. As docentes, depois de compreender o que é essa educação, continuam buscando formas cada vez mais elaboradas de torná-la significativa tanto para seus estudantes quando para elas mesmas.

### Referências Bibliográficas

AGUIAR, Wanda Maria Junqueira.; OZELLA, Sérgio. Núcleos de significação como Instrumento para a apreensão da constituição dos sentidos. *Psicologia Ciência e Profissão*, Brasília-DF, v. 26, n. 2, p. 222-245, 2006. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pcp/a/QtcRbxZmsy7mDrqtSjKTYHp/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 15 mar. 2023.

AGUIAR, Wanda Maria Junqueira.; SOARES, Júlio Ribeiro; MACHADO, Virgínia Campos. Núcleos de Significação: uma proposta metodológica em constante movimento. In: EDUCERE, 12, 25-29 out. 2015, Curitiba. *Anais [...]*. Curitiba: PUC-PR, 2015. p. 37890-37900.

ASINELLI-LUZ, Araci. *Educação e prevenção ao abuso de drogas: limites e possibilidades*. 2000. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000.

BAIBICH, Tânia Maria. *Preconceito e escola: vocabulário de conceitos e palavras-chave*. Ijuí: Unijuí, 2012.

BIDINOTTO, Tatiana da Silva; FAGUNDES, Maurício Cesar Vitória. Reflexões sobre o ato educativo emancipatório a partir das obras de Paulo Freire – professora sim; tia não: cartas a quem ousa ensinar e pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. *Brazilian Journal of Development*, Curitiba, v. 6, n. 5, p. 24511-24522, May. 2020. Disponível em: <https://ojs.brazilianjournals.com.br/ojs/index.php/BRJD/article/view/9556/8041>. Acesso em: 15 mar. 2023.

BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília-DF: MEC, 2018. Disponível em: [http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC\\_EI\\_EF\\_110518-versaofinal\\_site.pdf](http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518-versaofinal_site.pdf). Acesso em: 15 mar. 2023.

CARNEIRO, Maria Luiza Tucci. *Histórico das Jornadas Interdisciplinares sobre o ensino da história do Holocausto*. [Mensagem pessoal]. [S. l.], 2020. Disponível em: [luzifal@yahoo.com.br](mailto:luzifal@yahoo.com.br). Acesso em: 23 dez. 2020.

COOPER, Hilary. *Ensino de História na Educação Infantil e anos iniciais: um guia para professores*. Traduzido por Rita de Cássia K. Jankowski, Maria Auxiliadora M. S. Schmidt e Marcelo Fronza. Curitiba: Base Editorial, 2012.

CURITIBA. *Histórias de Muitas Vidas*. Metodologia e Novas Abordagens. Curitiba: Secretaria Municipal de Educação, 2008.

CURITIBA. *Holocausto crime contra a humanidade*. Apostila de textos e bibliografia. Curitiba: Secretaria Municipal da Educação, 2009.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

LERNER, Silvia. Gueto Cultural: o campo de concentração criado para persuadir o mundo. *Aventuras na História*, São Paulo, 01 mar. 2021. Disponível em: <https://aventurasnahistoria.uol.com.br/noticias/reportagem/gueto-cultural-o-campo-de-concentracao-criado-para-persuadir-o-mundo.phtml>. Acesso em: 14 mar. 2023.

LIEBEL, Vinícius. Uma educação (in)sensível: a questão judaica na sala de aula durante o terceiro Reich. In: GONÇALVES, Leandro Pereira.; PARADA, Maurício. *Políticas Educacionais e regimes autoritários: intelectuais, projetos e instituições*. Rio de Janeiro: Autografia; Recife: EDUPE; Porto Alegre: EDIPUCRS, 2017.

MEINERZ, Carla Betriz.; CAMARGO, Cassio Michel dos Santos. Reconhecimentos, sensibilidades e relações étnico-raciais: a obrigatoriedade do Ensino do Holocausto em Porto Alegre. *Roteiro*, Joaçaba, v. 44, n. 1, p. 1-18, 19 fev. 2019. Disponível em: <https://periodicos.unoesc.edu.br/roteiro/article/view/15086/pdf>. Acesso em: 15 mar. 2023.

MENEZES, Ebenezer Takuno de; SANTOS, Thais Helena dos. Transversalidade. *Dicionário Interativo da Educação Brasileira - EducaBrasil*. São Paulo: Midiamix, 2001. Disponível em: <https://www.educabrasil.com.br/transversalidade/>. Acesso em: 15 mar. 2023.

MITTNIK, Philipp. Holocaust Studies in Austrian Elementary and Secondary Schools. *Global Education Review*, New York, v. 3, n. 3, p. 138-152, 2016. Disponível em: <https://eric.ed.gov/?id=EJ1114862>. Acesso em: 15 mar. 2023.

PALMEIRA, Aline Nathaliér da Silva; SCHURSTER, Karl. Educar para alteridade: o ensino de História da Shoah e o uso dos testemunhos audiovisuais da USC Shoah Foundation. *Educação & Formação*, Fortaleza, v. 5, n. 13, p. 195-214, jan./abr. 2020. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/redufor/article/view/1123/1916>. Acesso em: 15 mar. 2023.

PARANÁ. Conselho Estadual de Educação. *Deliberação nº 4, de 2 de agosto de 2006*. Normas Complementares às Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana. Curitiba: CEE, 2006. Disponível em: [http://www.cee.pr.gov.br/sites/cee/arquivos\\_restritos/files/migrados/File/pdf/Deliberacoes/2006/deliberacao\\_04\\_06.pdf](http://www.cee.pr.gov.br/sites/cee/arquivos_restritos/files/migrados/File/pdf/Deliberacoes/2006/deliberacao_04_06.pdf). Acesso

em: 15 mar. 2023.

PEREIRA, Nilton Mullet; GITZ, Ilton. *Ensinando sobre o Holocausto na escola: informações e propostas para professores dos ensinos fundamental e médio*. Porto Alegre: Penso, 2014.

SILVA, Francisco Carlos Teixeira da; SCHURSTER, Karl. A historiografia dos traumas coletivos e o Holocausto: desafios para o ensino da História do Tempo Presente. *Estudos Ibero-Americanos*, Porto Alegre, v. 42, n. 2, p. 744-772, 2016. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/iberoamericana/article/view/23192/14717>. Acesso em: 15 mar. 2023.

SILVA, Francisco Carlos Teixeira. Ensinando a odiar: os planos de curso da SS sobre o judaísmo (Alemanha, 1937). In: SILVA, Francisco Carlos Teixeira; SCHURSTER, Karl. (org.). *Ensino de História, regimes autoritários e traumas coletivos*. Rio de Janeiro: Autografia; Recife: EDUPE; Porto Alegre: EDIPUCRS, 2017. p. 53-95.

TRAD, Leni Alves Bomfim. Grupos focais: conceitos, procedimentos e reflexões baseadas em experiências com o uso da técnica em pesquisas de saúde. *Physis – Revista de Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, v. 19, n. 3, p. 777-796, 2009. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/physis/a/gGZ7wXtGXqDHNCHv7gm3srw/?lang=pt>. Acesso em: 15 mar. 2023.

VITALE, Monica; CLOTHEY, Rebecca. Holocaust Education in Germany: ensuring relevance and meaning in an increasingly diverse community. *Fire: For International Research in Education*, Pennsylvania, v. 5, n. 1, p. 44-062, 2019. Disponível em: <https://eric.ed.gov/?id=EJ1207646>. Acesso em: 15 mar. 2023.

ZENAIDE, Maria de Nazaré. Tavares. *O Plano Nacional de Educação em Direitos Humanos*. São Paulo, 25 maio 2020. [Aula proferida pela EAD Freireana].

## Notas

<sup>1</sup>Doutoranda em Educação na Linha Cultura, Escola e Processos Formativos, no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Paraná. Colaboradora no Departamento Pedagógico do Museu do Holocausto de Curitiba. Professora das séries iniciais na Rede Municipal de Ensino de Curitiba.

<sup>2</sup>Doutora em Educação pela Universidade de São Paulo. Professora associada adjunta ao departamento de teoria e prática de ensino da Universidade Federal do Paraná.

<sup>3</sup>Cada unidade escolar/instituição deverá compor equipe interdisciplinar que estará encarregada da supervisão e desenvolvimento de ações que deem conta da aplicação efetiva das diretrizes estabelecidas por essa Deliberação ao longo do período letivo, e não apenas em datas festivas, pontuais, deslocadas do cotidiano da escola (Paraná, 2006).

<sup>4</sup>A partir da elaboração da Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB), de 1996, foram definidos

# ARTIGO

Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) que orientam para a aplicação da transversalidade. Isso diz respeito à possibilidade de se estabelecer, na prática educativa, uma relação entre aprender conhecimentos teoricamente sistematizados (aprender sobre a realidade) e as questões da vida real e de sua transformação (aprender na e da realidade). Não se trata de trabalhá-los paralelamente, mas de trazer para os conteúdos e para metodologia da área a perspectiva do tema (Menezes; Santos, 2001, s.v. *transversalidade*).

<sup>5</sup>Tanto nas primeiras três edições (2008, 2009 e 2010) como na última (2014) a Secretaria Municipal de Educação também estabeleceu parceria com a B'nai B'rith,) que é uma organização não governamental internacional que trabalha em prol dos direitos humanos, do respeito à diversidade étnica, cultural, religiosa e social. Ver mais em: [https://prosas.com.br/empreendedores/12796#!#tab\\_vermais\\_descricao](https://prosas.com.br/empreendedores/12796#!#tab_vermais_descricao).

<sup>6</sup>Construída entre 1780 e 1790 por ordem do imperador austríaco José II, Terezin é o nome de uma antiga fortaleza militar situada na República Tcheca. No fim do século 18, a instalação, porém, se tornou obsoleta e passou a abrigar presos militares e políticos e, em 1940, os nazistas a transformaram em uma prisão da Gestapo. Para esse campo foram enviados judeus do Protetorado da Boêmia e da Morávia, heróis judeus que lutaram na I Guerra Mundial, além de artistas, músicos e compositores. Ver mais em: Lerner (2021).

